

Tabuleiro: entre o jogo e a cosmologia do inclassificável

O conto “A construção” de Franz Kafka é um relato inacabado em primeira pessoa. O texto aborda um modo de existência em que personagens e cenário, entes animados e inanimados, são carregados de sentido. A linguagem onírica do conto tem o poder de tirar as coisas do lugar. E há a irrupção de um ruído, a grande marca temporal do texto, que instala um antes e um depois.

Da mesma forma, Gisele Camargo situa uma espécie de corte e redimensionamento em sua obra, da mudança para a Serra do Cipó à decisão da construção de sua casa e espaço de residência. Morar, habitar, construir o próprio corpo, o mundo, a casa. Nasce daí a série “Construção” e uma derivação que adensa a dimensão do jogo, do caso, da aleatoriedade: pinturas de pequena escala surgem de maneira orgânica, geometrias e arquiteturas próprias articulam arte e vida e a relação com o entorno inaugura um novo espaço pictórico.

“Tabuleiro” é uma experiência de mundo que passa pela relação com a cor. Pequenos grupos amarelos e laranjas esboçam certa solaridade que atravessa a linguagem misteriosa e mais esmaecida de outros pequenos grupos do conjunto de trabalhos, que não possuem uma sequência cromática, mas alojam cores contrastantes em que a paleta se mistura numa pintura viva que segue fazendo passagens discursivas ao longo do processo. Toda a paisagem ao redor é transmutada para elementos iconográficos que se configuram como peças de um jogo do qual só saberemos o resultado no final: no ato da montagem uma nova pintura irá se esboçar. Não há sequência prévia e todas as partes ou pequenos grupos de pintura são encarados como peças de um jogo. Essa dimensão já estava presente em “Panavision” (2009), trabalho que agora se adensa e reestrutura.

Há uma dimensão de jogo que aproxima o artista e a organicidade da criança frente à matéria do mundo. Em “Tabuleiro” não há uma narrativa linear e o corpo da pintura vai se constituindo pelos atravessamentos da artista com o entorno. Walter Benjamin trabalha esse conceito, interpretando o jogo como uma forma de atividade mimética que conecta a criança com as coisas ao seu redor. O modo como a criança experimenta o mundo é realizado, antes de tudo, pelo ato de brincar/jogar que, em certo sentido, será relacionado à tarefa da atividade artística. No texto “O poeta e o fantasiar”, Freud estabelece o que seria uma “nova teoria do jogo”, a partir da associação entre o jogar e a origem da fantasia artística. Da mesma maneira que a criança brinca/joga transpondo as coisas do mundo real em uma nova ordem, criando assim seu próprio mundo, o poeta e o artista fazem algo semelhante, ao tomar os objetos concretos passíveis de representações em uma nova ordenação.

O hibridismo que povoa a obra de Gisele Camargo é sutil como a escrita de um poema. A mistura entre uma e outra pequena série de pinturas se dá de maneira porosa ao enigma. No conjunto ocorre uma espécie de irradiação: blocos cinzas são rapidamente inundados por cores acesas como num gesto epifânico que abriga, ao mesmo tempo, todos os astros, a pulsação da natureza através de plantas ou animais sob nova configuração, a incadescência do sol e a opacidade da noite. Elementos arquitetônicos se dissolvem e se integram à paisagem criada, num gesto de encaixe que abriga uma espécie de mística das passagens.

No interior da noite ou na solaridade, os limites se esvaem e cintilam resíduos da construção de um corpo, um espaço inventado, uma casa. São perspectivas fracionadas: em seu trabalho as coisas não se entregam inteiras ou sem certa ambivalência. Sua obra abriga a ideia de que o universo, em sua forma e impermanência, é uma obra de arte. Seu fazer é uma escrita que

nomeia o incomensurável e a infinitude da vida. Nesse liame e movimentando-se em metamorfoses diversas, a artista sustenta, no espaço aberto da imanência, as vertigens da matéria, do corpo, dos objetos, dos fluxos.

Cada fragmento apenas alude o limite entre natureza e cultura e, no jogo proposto, há construção e também a escavação do abismo das coisas. No agrupamento do improvável há planetas, curvas naturais da proporção áurea, cores distintas e formas que oscilam. Há beleza e assombro. Uma cosmologia própria é inventada no fazer e na tentativa perpétua de inscrever a órbita dos planetas, os órgãos estranhos, a potência das imagens, as dobras e redobras da matéria sob prismas e ângulos diferentes.

É um jogo delicado que nunca se finda, um inventário de universos e de espécies que explodem, ramificam-se em uma catalogação infinita, como se entre as passagens de um grupo e outro de pintura o mundo estivesse prestes a explodir gerando outra língua. Elementos hiperbólicos ou minimalistas, luminosos, solares, aéreos e flutuantes, sementes, máquinas, construções, verdes diversos da mata configurando a ideia de um caos polifônico de mundo e desestabilizando os sentidos prontos.

Ao criar uma margem de incerteza e absurdo na construção pictórica, “Tabuleiro” adensa a poética da artista. Nesse processo, ela delinea uma geografia, cria ilhas e também derruba, desconfigura e desestrutura para revelar formas inclassificáveis. Nas cosmologias e imagens inventadas há um embaralhar precioso da matéria e da paisagem, uma alquimia fina como se a iconografia proposta no fazer artístico estivesse sempre deslizando entre a natureza e a linguagem, e o pensamento vivo e sensível pronto a rasurar qualquer imagem acabada.

Essas vias entrecruzadas inauguram um mundo, instalam o fulgor da revelação e rompem a ordem das coisas, como uma espiral silenciosa entre cores que – apaziguadas ou acesas – tocam a descoincidência da matéria, escapando às classificações e aos sentidos. No resgate de formas circulares ou arquitetônicas, entre densidades e espessuras, revela-se uma construção feita da própria fragilidade em que a linguagem é erigida. A potência poética desse jogo reside justamente nessa iminência de perda e transfiguração de qualquer destino predeterminado. Tudo está ali para lembrar do nascimento do mundo, como um sopro ou uma explosão que trazem uma inquebrantável paisagem que, ao mesmo tempo, persegue e ilumina.

No ensaio “A sabedoria da arte”, Roland Barthes reflete sobre a relação do artista com a obra que está concebendo e sugere que esta seja percebida como um “acontecimento”. Para ele há dois movimentos que sustentam a dimensão do acontecimento: o lançamento e a dispersão. No primeiro, o artista sabe a direção para onde quer conduzir seu trabalho; no segundo, aquilo que partiu de sua intenção toma um rumo inesperado, dando lugar à surpresa. E é desta forma que “Tabuleiro” chega ao mundo: como uma construção simbólica e experimental que mira o céu com os olhos em estado de assombro e alumbramento, como um acontecimento em que a cor vai depositando vida. Das gradações mais esmaecidas às cores saturadas, a cor entra como uma espécie de emissária, preparando o entorno, carregando um estado de coisas, sustentando as formas. A cor é portadora da experiência de onde irrompem elementos vivos e pequenas invasões e lacerações poéticas: há sempre um corte e um recomeço, uma conversa entre o dentro e o fora e uma abertura infinita entre passagens, janelas, portas e fachadas que vêm dar notícias de um mundo em vias de transfigurar.

Como num poema de Herberto Helder, a artista escreve seu jogo, constrói seu lugar no mundo, erige uma morada: “A casa – segundo o que penso – é uma esponja. Ando pelos

corredores como para ter acesso à dor incompreensível. E então foi-me dado o labirinto e a minha tarefa é dura e fascinante. Encontrar chaves, decifrar enigmas, descobrir pistas”.